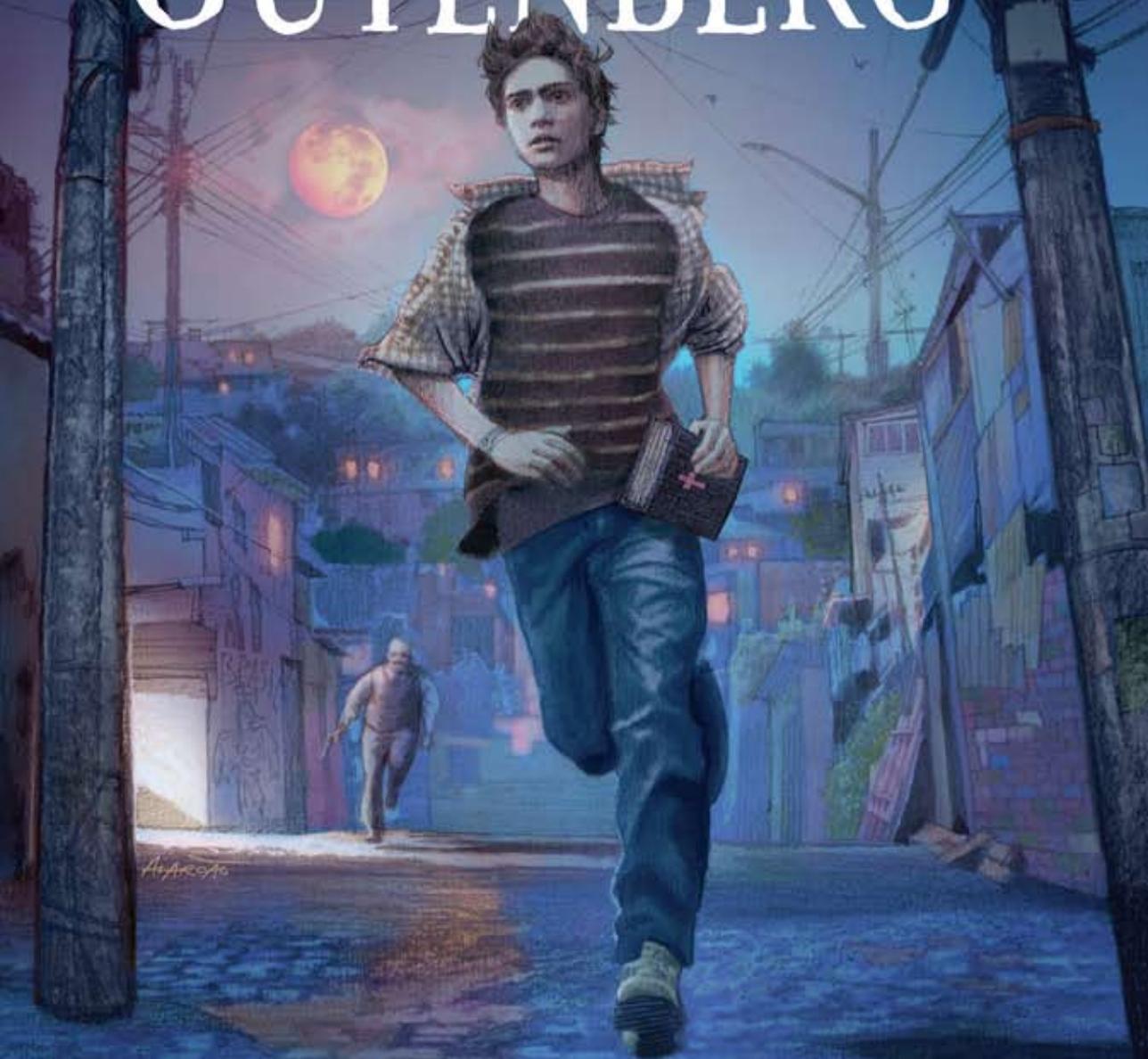


AVENTURAS DE DANIEL

MAURÍCIO ZÁGARI

O ENIGMA DA BÍBLIA DE GUTENBERG



Alencar

MAURÍCIO ZÁGARI

O ENIGMA DA
BÍBLIA DE
GUTENBERG



mundocristão
São Paulo

Sumário

<i>Prólogo: Culto de quarta feira, à noite</i>	9
1. Domingo anterior, de manhã	13
2. Domingo, início da tarde	25
3. Domingo, à tarde	35
4. Segunda-feira, de manhã	47
5. Segunda-feira, fim da tarde	55
6. Terça-feira, de manhã	65
7. Terça-feira, fim da tarde	73
8. Quarta-feira, de manhã	83
9. Quarta-feira, à noite	101
10. A hora da verdade	105
11. Noite de lua	121
<i>Sobre o autor</i>	125

Prólogo

CULTO DE QUARTA-FEIRA, À NOITE

Sentado no banco da igreja, Daniel perguntava a Deus por que ele atravessava um momento de aflição tão grande. Cabeça baixa, o rosto entre as mãos, tentava juntar todas as peças daquele complicado quebra-cabeça que tinha se tornado sua vida nos últimos quatro dias. A oração, feita baixinho, lábios trêmulos e voz entrecortada, era interrompida por viradas rápidas de cabeça, que o ajudavam a ver com o canto do olho se o policial que estava de pé na porta da igreja o tinha descoberto.

Seu peito era um misto de angústia, agonia e incerteza. Talvez a pregação do missionário Cláudio o ajudasse a encontrar paz ou, pelo menos, uma resposta. “Afinal, foi a vinda dele até a nossa igreja que deu início a toda essa confusão”, pensou, tentando compensar a tristeza. Era duro para um jovem de apenas 18 anos saber quanto iria sofrer naquela noite.

Ao final do louvor, esforçou-se para esconder as lágrimas que escorriam de seus olhos e molhavam a gola da camisa. O missionário, com o rosto sério, certamente em consequência dos últimos acontecimentos, abriu sua Bíblia e anunciou a passagem-tema da pregação.

— Queridos irmãos, vamos ler o texto da primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo treze, a partir do primeiro versículo — disse o missionário Cláudio, seguido do habitual ruído de páginas de Bíblia sendo viradas.

“A passagem que fala do amor”, pensou Daniel, que encontrava sempre um consolo nas passagens das Escrituras com que tinha intimidade. Quando a igreja se colocou a postos para a leitura, o missionário olhou à frente e começou:

— Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que...

A leitura prosseguiu e Daniel ficou imóvel. Aos poucos, como uma cortina que se abre e revela algo oculto, aquelas palavras foram lançando luz sobre uma série de pensamentos. Seu coração disparou. Os versículos lidos pelo missionário produziram nele um efeito instantâneo.

— Meu Deus... — sussurrou.

Na corrente sanguínea de Daniel, uma quantidade enorme de adrenalina foi despejada, fazendo a pulsação acelerar e as pupilas dilatarem. Seu pensamento voou a mil por hora, enquanto as palavras do missionário Cláudio finalmente davam forma àquele quebra-cabeça em sua mente.

— ... A caridade nunca falha: mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá...

— Jesus... é isso! — falou Daniel. Em segundos, descobriu a resposta. Ignorando o perigo, pegou o livro que tinha comprado na véspera e, espremendo-se contra o

banco da frente, pediu licença para a irmã que estava ao lado. Visivelmente irritada pela interrupção durante a leitura da Palavra, ela abriu passagem e Daniel disparou pelo corredor da igreja.

— ... Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face: agora conheço em parte...

— É isso! — gritou Daniel enquanto corria pelo meio da igreja em direção ao púlpito, o coração batendo forte e acelerado. Todos na congregação pararam de ler, assustados, e levantaram os olhos para aquele jovem que voava pelo corredor central. E não foram só eles. A cena inco mum chamou a atenção do policial que estava de pé na porta. Num salto, ao bater os olhos em Daniel, ele gritou:

— Pare!

Ignorando o alerta, Daniel correu desabaladamente até o lado direito do púlpito, onde a porta lateral levava para o primeiro andar.

— Pare!! — repetiu o policial.

Mas, a essa altura, Daniel corria escada abaixo, pulando os degraus de dois em dois.

— Pare!!! — gritou ainda mais alto o policial, saindo no encalço de Daniel pelo mesmo corredor por onde ele tinha fugido. Se os membros da igreja já tinham se assustado com a inesperada corrida do jovem, ficaram ainda mais boquiabertos ao ver aquele homem de bigode espesso e grandes entradas nos cabelos correr pelo meio do templo — com uma arma na mão.

No púlpito, o missionário Cláudio, mudo, arregalou os olhos. O líder da igreja, pastor Wilson, olhou em volta sem entender nada e, por longos segundos, não conseguiu

esboçar nenhuma reação. Diante daquela inesperada cena, a igreja toda ficou paralisada.

Daniel chegou ao primeiro andar no momento em que o policial alcançou o topo da escada. “Tenho que chegar ao gabinete do pastor!”, pensou enquanto fazia a curva e disparava rumo à terceira porta do corredor.

— Pare, moleque!!! — O grito do policial arrepiou até os ossos de Daniel.

Quando chegou à porta do gabinete, podia ouvir os últimos passos do policial nas escadas. “Jesus, que a porta esteja aberta!”

Estava.

Daniel girou a maçaneta e irrompeu sala adentro. Passou rapidamente os olhos ao redor e se atirou em direção ao armário que ficava à direita da mesa do pastor Wilson. “Primeira gaveta, segunda... terceira!” Abriu a gaveta, e dedos frenéticos percorreram os papéis que estavam ali dentro. “Achei!”, pensou, retirando um dos papéis. Só teve um segundo para passar os olhos pela folha que estava em suas mãos, antes de ouvir a voz ofegante do policial:

— Mãos para cima ou eu atiro! Eu atiro!

Daniel congelou, as mãos suadas, a testa fria, o coração quase saltando do peito.

— Mãos para cima! Mãos para cima!

“Jesus, agora é com o Senhor”, pensou Daniel. E se virou de um pulo.

Foi só o tempo de ver o policial, assustado com seu gesto súbito, puxar o gatilho. O tiro ecoou por toda a igreja.